PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ VOS!

A CLASSE OPERÁRIA

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº115 MAIO DE 1977 ANO XIII

NESTE NÚMERO:

INTENSIFICAM-SE AS LUTAS POPULARES

O quadro da situação política evolui dentro de um processo contraditório que já se faz sentir desde há muito: as forças antiditatoriais desfecham golpes no regime fascista dos generais e estes, cada vez mais isolados, respondem com novas medidas de arbítrio e violência. Todavia, agora, o campo de manobra dos governantes reduziu-se consideravelmente, enquanto agravam-se as disputas entre camarilhas militares em torno da sucessão de Geisel.

As "reformas" de abril, realizadas à base do AI-5, deixaram um saldo negativo de pesadas consequências para o Sistema. Os protestos ecoaram em vastas áreas políticas e no conjunto do país, revelando o crescimento em extensão e profundidade do descontentamento que lavra por toda a parte. Sob diferentes formas, surgiram enérgicas manifestações de repulsa à ditadura. Não foram poucas as vozes que reclamaram a sua derrocada. O movimento de massas ganhou as ruas erguendo as bandeiras da Constituinte livremente eleita; da anistia ampla aos presos e perseguidos políticos; da abolição dos atos institucionais. Vigorosas greves e passeatas estudantis eclodiram em várias cidades. Cerca de cem mil universitários em São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Bahia e outros Estados recusaram tomar conhecimento das decisões proibitivas do governo e das reitorias visando a impedir manifestações públicas. Enfrentaram corajosamente as investidas policiais e militares.

Os generais, durante um certo período, caíram na defensiva. Ameaçavam. As ameaças, porém, já não surtiam os efeitos desejados. Os protestos avolumavam-se. Planejaram então, no estilo de quartel, o contra-ataque. E passaram novamente à ação. Que tipo de ação? Exatamente o mesmo dos períodos anteriores quando de outras crises políticas, ou seja, o emprego de mais violência, a aplicação de medidas arbitrárias e punitivas. Proibiram as demonstrações antiditatoriais em praça pública. Numerosos estudantes passaram pelos órgãos de segurança e respondem a processos na Justiça Militar. Livros, revistas e jornais de procedência estrangeira, de agora por diante, serão submetidos à censura prévia. Bispos e padres têm suas atividades religiosas investigadas por policiais a fim de verificar quais os que apresentam tendências democráticas. Jovens trabalhadores, detidos no dia 1º de maio, sofreram torturas no aparelho repressivo. E aumentaram as pressões sobre o MDB. Porta-vozes de Geisel anunciaram novas cassações de deputados e senadores. Os militares, desesperados com as atitudes firmes de membros desse partido, inclinam-se a "limpá-lo" do que chamam de subversivos. Desejam, inclusive, eliminar a atual oposição consentida, reestruturando os partidos que servem de "cobertura" ao regime. Repetem os mesmos e desmoralizados slogans: "a contra-revolução de 64 não pode ser acusada nem ir ao banco dos réus", como se isto

bastasse para livrá-los do julgamento da História. Contudo, não conseguem intimidar nem calar os brasileiros amantes da liberdade, do progresso e da justiça social. Quanto mais recorrem ao despotismo e à repressão, mais se isolam, maior é o ódio que despertam no povo. A dinâmica da luta antiditatorial é essa mesma – eleva-se o nível das ações democráticas o que obriga os militares reacionários a multiplicar as violências. Estas, por sua vez, determinam métodos e formas mais consequentes de oposição. Nesse processo, os defensores da democracia se robustecem e ganham impetuosidade, enquanto os fascistas vão-se isolando e se enfraquecem. Nenhum regime poderá manter-se por muito tempo sem contar com certa base política e social. Chegará o momento das batalhas decisivas. A derrubada da ditadura é inevitável.

Não obstante, para que esse processo se realize eficazmente, é indispensável não dar tréguas aos inimigos nem com eles conciliar. A situação exige dos democratas e patriotas firmeza de orientação, unidade e maior combatividade. Sobretudo os trabalhadores das cidades e do campo estão chamados a desenvolver poderosas ações em defesa de seus interesses vitais e em prol da liberdade. Sua contribuição será decisiva para acabar com a ditadura que há treze anos oprime a nação. Os generais pretendem, pelo menos, manter-se mais um período de seis anos no Poder, após a substituição de Geisel. Mas seus planos estão destinados ao malogro. Se o povo brasileiro tomar em suas mãos a causa da democracia e da independência nacional e lutar por ela até o fim, o odioso regime fascista será destroçado e as sentidas aspirações populares transformar-se-ão em realidade.

EMBUSTEIROS POLÍTICOS, OPORTUNISTAS INCORRIGÍVEIS

Os revisionistas brasileiros, chefiados por L. C. Prestes, tornaram pública uma Resolução Política do Comitê Central de seu partido e lançaram um desenxabido manifesto à Nação. Nesses documentos abordam os rumos da situação do país, apresentam soluções e o que chamam de "o caminho que devemos seguir". Tanto a análise que fazem da conjuntura nacional, como as medidas que propõem, caracterizam-se por uma linha de conciliação e compromisso com as forças reacionárias, têm conteúdo nitidamente oportunista. Serviçais da burguesia e lacaios dos renegados do Crêmlin, preparam-se para voltar à cena, desta vez ainda mais direitistas do que na época do governo Goulart, ansiosos por ajudar os militares e a reação a sair da difícil posição em que se encontram.

ANÁLISE SUPERFICIAL E DEFORMADA DA REALIDADE

É importante destacar que os revisionistas, na Resolução Política em que examinam o conjunto da situação do Brasil, não fazem uma única referência ao imperialismo norte-americano. O principal explorador do povo brasileiro, o incentivador do golpe de 1964 e sustentáculo da ditadura, não aparece, nem de passagem, nesse documento do chamado partido comunista brasileiro. Aí tampouco se fala dos generais e do papel traidor e opressor das Forças Armadas. O sistema político em vigor é tratado de maneira genérica – "o regime", "o fascismo", "a ditadura", omitindo-se os responsáveis por sua criação. No velho estilo oportunista e antidialético, que traz a marca do seu autor (L. C. Prestes), o documento faz previsões ridículas, à maneira das pitonisas, sobre o que possa acontecer no país. Afirma que "mudanças mais ou menos bruscas podem ocorrer" e que tais mudanças tanto podem ser de abertura como de endurecimento do regime. Assinala que "uma das tendências de Geisel é a de adotar novas medidas de repressão" enquanto a outra tendência seria "fazer barganha com setores adesistas da oposição". Diz ainda: "É possível que o governo tente enfrentar a crise por meio de uma solução de força", indicando em seguida que "é igualmente possível que Geisel e sua equipe tentem chegar a um acordo com setores da oposição". Assim, os revisionistas vão pintando a seu modo o quadro da situação, recorrendo aos artifícios do "por um lado" e "por outro lado" que afinal não passam de superficialidade e ausência de espírito analítico.

As lutas do povo, que assumem caráter sempre mais radical, são apreciadas como simples instrumento de pressão sobre o atual regime, como se fizessem parte da oposição moderada burguesa. Dá-se-lhes um sentido reformista. A classe operária, por exemplo, teria recorrido "à arma da greve, declarada ou disfarçada, para obter aumentos salariais e

antecipações dos reajustamentos". Mas o que comprovaria sua "atitude oposicionista" era o resultado das eleições de 1976 na qual "se manifestara contra a ditadura". O proletariado estaria lutando "pela unidade intersindical", quando se sabe que, sob o fascismo, os sindicatos estão nas mãos de pelegos e policiais, obedientes ao comando do governo. Ao examinar o movimento camponês, a Resolução declara que "elemento importante da luta dos posseiros na defesa de suas terras é que ela vem se fazendo apoiada nos sindicatos de trabalhadores rurais e contando com o apoio local da Igreja". Ora, é conhecido o fato indesmentível de que a principal característica da luta dos posseiros tem sido a resistência violenta à ação dos grileiros, o recurso cada vez mais frequente à luta armada. Conhecido é também o fato de que a ditadura e as classes dominantes em geral esforçam-se por canalizar o espírito de revolta dos camponeses para o leito macio dos entendimentos ao nível das soluções reformistas. A Resolução dá ênfase aos resultados eleitorais, às divergências que estariam ocorrendo dentro da ARENA e até mesmo a um pretenso constrangimento entre os militares. Dizem eles: "Apesar de todas as limitações impostas pela ditadura à atividade eleitoral da oposição (...) o povo foi capaz de manifestar seu descontentamento com a situação reinante". E mais adiante: "Forças consideráveis (sic) tanto na Arena como entre os empresários e no seio do próprio governo (aí residem as melhores esperanças dos revisionistas), passaram a criticar aspectos fundamentais (!) do regime fascista e a procurar outro caminho". Quanto a setores das Forças Armadas – que também são apresentados como corrente de oposição – alegam ser do conhecimento público "o mal-estar e o desacordo existente entre os militares com o papel de carrascos do povo que o regime, apoiado na doutrina de 'segurança nacional' lhes atribui". É absurdo conferir grande importância aos atritos ocorridos no partido oficial e no seio do governo. As divergências no interior da ARENA e do governo são pouco numerosas e, na maior parte dos casos, reduzem-se a certas nuances quanto à maneira de proceder. No que diz respeito à conduta dos militares o absurdo é ainda maior. Eles, até agora, têm sido algozes do povo, bandidos da pior espécie que implantaram no Brasil a tortura sistemática e o assassinato dos melhores filhos da nação. Não foi um regime qualquer que lhes atribuíu o papel de carrascos, mas o próprio regime por eles criado e sustentado; a doutrina da "segurança nacional" foi elaborada meticulosamente pelas Forças Armadas, com o beneplácito e sob a orientação do Pentágono. Demagogicamente, um general que outro tenta posar de liberal e defensor dos direitos humanos, como é o caso do comandante do II Exército, Dilermando Monteiro. Mas foram precisamente as tropas sob o seu comando que assaltaram uma residência na Lapa, em São Paulo, e assassinaram Pomar, Arroio e Drumond, prenderam e torturaram vários outros camaradas, sendo que Jover Teles e Manoel Novais continuam desaparecidos.

O quadro da realidade brasileira é totalmente distinto do que se contém na Resolução Política dos revisionistas. Qualquer exame, mesmo ligeiro, leva a outras conclusões que mostram o isolamento dos militares, o ódio acrescido do nosso povo ao regime dos generais, as lutas em processo de radicalização, o reforçamento da oposição popular.

ATUAÇÃO REFORMISTA

São reformistas e conciliadores os métodos de luta e atuação indicados na Resolução dos revisionistas. O que lhes preocupa, essencialmente, na situação atual não é o

combate firme e decidido contra a tirania, a derrubada do governo despótico dos generais. Inventaram um processo geométrico que consiste em "ampliar os espaços já conquistados". Em termos políticos isto significa ir somando, pouco a pouco, pequenas conquistas que redundariam, no final de contas, em privar a ditadura de lugar para a sua existência. Não pode haver equívoco mais grosseiro. Porque a luta contra a ditadura é um processo contraditório no qual tanto o povo golpeia seus opressores como estes intensificam a repressão. Fundamentalmente, as conquistas se verificam em forma de elevação do nível das lutas, de agudização dos conflitos políticos, de acirramento das contradições entre as aspirações de liberdade e justiça social da maioria da nação e o sistema antinacional e antipopular dos militares fascistas. Os choques se multiplicarão e acabarão destruindo o regime tirânico e entreguista. A "ampliação de espaços" é uma nova versão da desmoralizada teoria da "acumulação de reformas" muito em voga antes do golpe de 64. Corresponde na atualidade à conduta de certos setores do MDB que, sem confiança no povo, reivindicam pequenas concessões dos governantes como meio de alcançar a chamada liberalização do regime.

Indicam, também, os revisionistas, com o objetivo ilusório de conseguir "transformar a liquidação do fascismo num movimento de grande envergadura" e até mesmo "numa verdadeira revolução antifascista e democrática" (!), a criação de uma frente antifascista e patriótica. A base para a sua formação seria "a convergência das forças e correntes antiditatoriais, que receberam grande impulso com as campanhas eleitorais da oposição, em 1974 e 1976" (sempre a mania das eleições no centro do pensamento revisionista). Dessa frente-única tomariam parte gregos e troianos, pois, na sua concepção, o leque das forças antiditatoriais inclui setores antidemocráticos e até ditatoriais. Vai desde os trabalhadores até militares mal-humorados com o regime; desde o clero progressista até altos dignatários reacionários da Igreja; desde a atual direção do MDB até forças consideráveis da ARENA, dos empresários e do próprio governo. Uma miscelânia respeitável, toda ela, no entanto, segundo os revisionistas, interessada na "implantação de um regime democrático no Brasil". É indiscutível que a luta contra a ditadura e em defesa das liberdades engloba vastos setores da população. Mas a frente-única tem seus limites, e faz diferenciações. Há forças que num ou noutro aspecto podem se opor à ditadura sem, entretanto, serem partidárias da liberdade. No jogo da ação política tais divergências ocasionais devem ser utilizadas, nunca, porém, exageradas. Não é verdade que consideráveis setores do partido oficial, do empresariado e até do governo estejam interessados na existência de um efetivo regime democrático. Quando muito, querem introduzir determinadas modificações no atual sistema reacionário, sem afetar-lhe a essência. Interessados realmente num regime democrático estão, unicamente, a classe operária, os trabalhadores das cidades e do campo, a pequena burguesia e, em certa medida, uma parte da burguesia nacional. A frente-única proposta pelos revisionistas é um engodo, serve de cobertura à política de conciliação com os reacionários, significa traição ao povo. Vem sendo apregoada desde 1957, quando o revisionismo apossou-se da direção do PCB, e tem contribuído para frear a luta das massas sob o pretexto de não prejudicar a unidade de amplas forças no plano político.

OS OBJETIVOS QUE OS REVISIONISTAS PERSEGUEM

As soluções apontadas pelos revisionistas para a saída da situação atual são

oportunistas de ponta a ponta. Nada têm a ver com os interesses do povo nem com as aspirações profundas da classe operária. Expressam pontos-de-vista da burguesia, estão impregnadas do espírito de conciliação, fazem tábula rasa da luta de classes.

Que propõem eles? A conquista de um vago "regime político diferente do atual", regime no qual "se permitiria a discussão e apresentação de alternativas e projetos para resolver os problemas básicos que o desenvolvimento do país coloca", evidentemente o desenvolvimento capitalista, cada vez mais dependente. Pretendem, segundo alegam, a construção da democracia no Brasil. A maneira como concebem a realização de tal objetivo demonstra, porém, o quanto estão afastados do povo e da realidade nacional, retrata-os como direitistas empedernidos. Eles defendem na Resolução a idéia de que "o processo de construção da democracia brasileira não pertence, isoladamente, a nenhum grupo, classe ou setor da nossa sociedade" e com isto querem dizer que pertence indiscriminadamente a todos ou a quase todos. A democracia, no entanto, não é um conceito abstrato mas produto da posição e da luta de certas classes, do mesmo modo que a reação é o resultado da defesa de interesses retrógrados representados por determinados setores sociais. Ela depende expressamente da atividade de forças e correntes progressistas em luta contra classes e grupos reacionários, antidemocráticos por natureza, e só poderá vingar sob a direção do proletariado e do seu partido de vanguarda. Não exige apenas "a participação ativa daqueles setores que criam as riquezas do país", como assinalam os revisionistas em sua Resolução, mas a direção efetiva da classe operária, aliada a largos contingentes da população e, em primeiro lugar, aos camponeses. Na verdade, a democracia que Prestes e seus sequazes desejam erigir é a democracia de fachada apregoada por alguns setores das classes dominantes e da qual os trabalhadores e as forças populares participam, em boa parte, como massa de manobra dos exploradores, uma democracia que não ponha em risco os sagrados interesses da burguesia, dos latifundiários e do imperialismo. Este objetivo se torna mais claro quando se lê na Resolução o trecho seguinte: "O regime a que os brasileiros aspiram deve garantir às Forças Armadas uma *posição importante* (o grifo é nosso) na construção da democracia e na defesa da soberania popular". Só mesmo oportunistas incorrigíveis podem afirmar semelhante estupidez! Porque as Forças Armadas, guardiães dos interesses da reação e do imperialismo no Brasil, principal componente do Estado reacionário, jamais poderão desempenhar esse papel. O povo brasileiro sabe muito bem – e não apenas nestes últimos anos mas de há longo tempo – que os militares são adversários da democracia e da soberania popular. Toda a História do Brasil, desde a Independência, está pontilhada de verdadeiros crimes contra o povo praticados pelo Exército e pela Marinha de Guerra. Particularmente após a implantação da República, em 1889, as Forças Armadas têm interferido abusivamente na vida política do país sempre no sentido de impor regimes de força ou golpear os direitos dos cidadãos. Em certas ocasiões, nelas surgem elementos que tomam posições democráticas. São, porém, casos isolados. Bem ao contrário do que dizem os revisionistas, hoje, não se pode lutar consequentemente pela liberdade e pela democracia sem atingir em cheio aqueles esteios da reação. O ódio aos carrascos do povo faz parte inseparável da luta revolucionária das grandes massas. Defendendo-os, os seguidores de Prestes ressaltam, na Resolução do Comitê Central, que o caminho que preconizam é uma saída "sem ódios nem ressentimentos que, em nome de um civilismo abstrato, só tem como consequência a divisão do país". Que divisão, afinal? A divisão entre correntes progressistas e forças reacionárias? Entre partidários de um regime de liberdade, de progresso, de

independência, de cultura, de bem-estar para o povo e os sustentadores de uma ordem fundada no atraso, na negação dos direitos elementares do cidadão, no obscurantismo, na dependência do país ao capital estrangeiro? Esta divisão é inevitável e altamente benéfica, divisão que deve levar à liquidação dos centros da reação e a proporcionar uma nova unidade, em nível mais elevado, de toda a nação. As tendências civilistas não são novidades no Brasil. Surgiram no período posterior à implantação da República quando os militares tentavam monopolizar o Poder. E surgem agora, após treze anos de dominação das Forças Armadas, arvoradas em tutores de cento e dez milhões de brasileiros. É um sentimento que nasce, de maneira natural, da revolta das massas contra a arbitrariedade e o despotismo de caserna. Não se trata de um civilismo abstrato, mas muito concreto, orientado contra a ditadura militar. O tipo de regime almejado pelos revisionistas também fica claro na Resolução ao dizerem não ser "partidários de um agravamento contínuo da tensão social e política como método de resolução de crises". É sabido que as crises determinam as tensões e que o agravamento destas está relacionado diretamente com a profundidade daquelas e com a extensão dos males que acarretam para as massas. Têm que ser enfrentadas com a luta em nível sempre mais elevado. Todavia, Prestes e seus seguidores são favoráveis a resolvê-las à custa das massas, com o prolongamento de seus sofrimentos, não querem por nada neste mundo perturbar a santa paz dos exploradores e opressores. Temem as tensões sociais e políticas – fenômenos objetivos que afloram do agravamento das contradições existentes na sociedade. Tratam de amainá-las, de contorná-las, de desviar o proletariado e o povo em geral do caminho da revolução. São bombeiros da luta de classes, dos entrechoques políticos radicais, apologistas do regime de engodo da burguesia.

AS ALTERNATIVAS DA SITUAÇÃO BRASILEIRA

Inegavelmente, o sistema militar-fascista está em processo de decomposição. Crise após crise política desgasta a ditadura e acentua o isolamento dos generais. Após treze anos de governo de arbítrio, o país encontra-se numa gravíssima situação. Os planos desenvolvimentistas baseados no capital estrangeiro e, em especial norte-americano, geraram profundas distorções na economia, agravaram seriamente as condições de vida do povo e tornaram o Brasil mais dependente que nunca dos trustes e monopólios imperialistas. O descontentamento com o regime em vigor alcançou vastos setores da população. Em consequência, coloca-se na ordem do dia a substituição do sistema imposto pelos militares.

Duas alternativas se definem a respeito dessa substituição. Uma corresponde à oposição popular, outra à oposição de setores das classes dominantes, especialmente da burguesia. A alternativa popular é a da luta consequente para derrubar a ditadura a fim de conquistar a liberdade e abrir caminho a um regime democrático e progressista. A outra alternativa, de setores das classes dominantes, é a de conseguir certa liberalização do atual regime, suprimindo-lhe o aspecto abertamente despótico mas conservando elementos de contenção das massas e de resguardo dos interesses da reação. Querem uma saída sem vencidos nem vencedores, de reconciliação nacional entre o povo e os que traem os interesses da nação, os que cometem bárbaros crimes contra patriotas e democratas.

Ao exporem sua orientação política, os revisionistas demonstram ser adeptos da alternativa antipopular. E não somente isto. Procuram ajudar os reacionários a sair da crise, comprometem-se a tudo fazer para pôr os trabalhadores e frações do povo a reboque da solução burguesa. Sua posição é menos avançada que a de setores do MDB.

Sua linha política é a do revisionismo contemporâneo, da via pacífica e parlamentar, da falsa democracia e autêntica defesa da ordem burguesa. É a linha traçada no XX Congresso do PC da União Soviética, sustentada por Kruschov e por Breznhev, que tantos danos tem causado ao movimento operário e socialista. Prestes e seus apaniguados não passam de nacional-reformistas, neosocial-democratas, serviçais da burguesia e do capitalismo brasileiro que gostariam de ver associado (ou submetido?) ao social-imperialismo soviético. Ainda que se autodenominem de marxistas-leninistas e de socialistas são renegados da revolução, adversários das idéias e dos princípios revolucionários da grande doutrina do proletariado.

Mas seus propósitos estão fadados ao fracasso. A classe operária e o povo brasileiro, assim como o seu partido de vanguarda, o Partido Comunista do Brasil, não lhes darão tréguas. Hão de atirá-los na cova onde serão enterrados, politicamente, junto com todos os reacionários e inimigos da liberdade, da democracia popular, do socialismo.

A LUTA EM DEFESA DA TERRA E PELA REFORMA AGRÁRIA

Ainda hoje, no Brasil, a propriedade da terra, sua distribuição, dimensão e utilização, gera uma das principais contradições em nossa sociedade, cuja solução real somente se poderá dar por meio de um processo revolucionário que liquide em definitivo o latifúndio como sistema de propriedade e os latifundiários como classe social.

Este problema secular, consequência direta da forma de colonização adotada por Portugal, transformou-se num dos principais entraves para o desenvolvimento do país. A concentração da propriedade da terra em mãos de uns poucos latifundiários, o tipo de cultura dela decorrente, principalmente voltada para o mercado externo, as relações de produção atrasadas, prevalecendo em certas regiões do país as relações pré-capitalistas, a subordinação social e o atraso cultural e político da grande massa de camponeses e trabalhadores agrícolas, são algumas das características do campo brasileiro. Acrescentam-se a esse quadro as relações estreitas dos latifundiários com os imperialistas, principalmente norte-americanos, que os transformam nas principais bases de apoio social da dominação estrangeira do país. Tudo isto mostra a importância de que se reveste o problema camponês para a revolução brasileira.

OS MILITARES CONTRA O MOVIMENTO CAMPONÊS

Logo após o golpe de 64, os militares investiram furiosamente contra o crescente movimento camponês utilizando a mais feroz violência: fecharam os sindicatos, ligas e associações de assalariados agrícolas e camponeses, prenderam os principais líderes que vinham se destacando na luta pela reforma agrária e em defesa dos interesses das amplas massas do campo, submetendo-os a toda forma de tortura e assassinando inúmeros deles.

A violência da ditadura e dos latifundiários ocorre hoje em todos os Estados da Federação, mas principalmente na região Centro-Oeste e na Amazônia. Milhares de famílias camponesas são expulsas da terra que ocupavam há muitos anos, suas casas e roças se transformam em cinzas. A Bahia, Sergipe, Alagôas, Pernambuco e Paraíba têm sido cenário desse tipo de arbitrariedade contra posseiros, meeiros e parceiros. No entanto, são os Estados do Maranhão, Pará, Amazonas, Acre, Mato Grosso e Goiás, na parte chamada de Amazônia Legal, que registram os maiores e mais violentos conflitos envolvendo a questão da posse da terra. Aí se situa a nova fronteira de colonização para onde afluem a massa de camponeses expulsa pelo latifúndio de outras regiões do país. Com os planos de exploração da Amazônia e com a abertura de novas rodovias, facilitando o acesso a grandes extensões de terras antes inacessíveis, valorizando-as

grandemente, os latifundiários e grileiros, tendo o apoio da ditadura, tratam de expulsar os posseiros e pequenos proprietários já instalados na área, ou os que para lá se deslocam

Toda essa violência não conseguiu porém liquidar as lutas e os choques no campo, pois é real e profunda a contradição entre milhões de camponeses sem terra e os grandes proprietários rurais. Em vista disso, a ditadura militar procurou manobrar e passou a utilizar uma dupla tática: repressão e engodo, sendo a repressão a primeira e a principal forma de atuação dos militares. Onde a luta se amplia e as formas de resistência se radicalizam, além da violência que empregam, recorrem a promessas de garantia da posse da terra aos camponeses ameaçados pelos grileiros e latifundiários. Surgiram medidas do governo tais como: o Estatuto da Terra, o AI-9, o PROTERRA, etc., que a ditadura apresentou com grande alarido tentando fazer crer que estava realizando a reforma agrária.

Se, num primeiro momento, ao utilizar a imensa máquina de propaganda de que dispõem, os militares chegaram a criar alguma ilusão em limitados setores, sua prática concreta rapidamente demonstrou suas verdadeiras intenções – negocear a reforma agrária e opor-se à luta das massas. Os militares no Poder defendem os interessses de classe dos grandes proprietários, não podem atender ao mesmo tempo os anseios das massas camponesas.

CONSEQUÊNCIAS DA POLÍTICA AGRÁRIA DOS MILITARES

A manutenção e o reforçamento da grande propriedade latifundiária é a real política seguida pelos militares. Não só o latifúndio foi mantido, como vem expandindo a sua área. Pelos dados dos censos agrícolas dos anos de 67 a 72 e do cadastramento do INCRA, os latifundiários no Brasil mantêm sob o seu domínio uma área de mais de 700 milhões de hectares de terras aproveitáveis, sem qualquer tipo de exploração, o que corresponde em extensão as áreas do Estado de Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Sergipe, juntos. Igualmente esses censos mostraram o gráu de concentração da propriedade: 23°/o da totalidade dos imóveis classificados como latifúndio ocupam 78°/o da área cadastrada e, de forma ainda mais significativa, o censo de 1972 indicou que um por cento dos mais ricos detinham 46°/o das terras, enquanto cinquenta por cento dos mais pobres possuiam apenas 3,8°/o das terras cadastradas.

Com o objetivo de consolidar sempre mais a grande propriedade rural e buscando ampliar a sua base social, os generais que se sucederam no Poder desde 64, vêm adotando um conjunto de medidas para facilitar a vinculação da vasta propriedade territorial com os grupos da grande burguesia industrial, comercial e financeira do país. Com essa finalidade introduziram modificações substanciais na estrutura da SUDENE a fim de permitir a aplicação de incentivos fiscais na aquisição e ampliação da grande propriedade rural. A criação da SUDAM objetivou retalhar a Amazônia entre um pequeno grupo de grandes capitalistas, nacionais e estrangeiros, que se apossaram de imensas áreas, ultrapassando algumas delas um milhão de hectares. Ultimamente o empreendimento chamado PROTERRA, apresentado na época do ditador Médici como a tábua de salvação do camponês nordestino, teve idêntico destino ao dos demais projetos da ditadura. A CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores Agrícolas), em seu

depoimento perante a Comissão Parlamentar de Inquérito, declarou que "93% dos financiamentos do PROTERRA tinham sido aplicados em investimentos rurais, aquisição de insumos modernos e projetos agro-industriais que, geralmente, beneficiam os grandes fazendeiros, ou seja, os que já possuem terra". Afirmou ainda que "em 8 anos, somente cerca de 13 000 famílias receberam terras por conta do projeto de reforma agrária e colonização. Isto significa 1,6% do total de famílias sem terra".

Estendendo ainda mais a penetração do capital imperialista no país, a ditadura militar procurou atrair grandes investidores estrangeiros para projetos agro-pecuários destinados à produção para a exportação. Grandes empresas imperialistas já aqui instaladas, como a Coca-Cola, a Ford, a General Motors, a Krysler, a Volkswagen e outras, foram beneficiadas largamente com a ocupação de imensas áreas, facilitada pela política de incentivos fiscais visando a aplicação de recursos nas regiões afetas à SUDENE, SUDAM ou PRODOESTE. O reverso dessa política entreguista é que o movimento camponês passa a constituir-se numa frente de luta direta anti-imperialista, além da frente anti-latifundiária, elevando desta forma, ainda mais a sua potencialidade revolucionária.

Todas essas medidas, visando ao reforçamento da grande propriedade territorial atingem, como não podia deixar de ser, de forma imediata, a pequena e média propriedades. Seus pesos específicos no conjunto das propriedades rurais diminuiram quer no número de proprietários, quer em área ocupada.

O quadro abaixo, com dados extraídos do cadastramento do INCRA de 1967 e do último recadastramento de 1972, fornece os seguintes dados:

Famílias de Trabalhadores Rurais

	1967	1972
Assalariado permanente	1.400.000	1.200.000
Assalariado temporário	3.900.000	6.800.000
Parceiro/arrendatário	2.100.000	500.000
Posseiros	700.000	500.000
Minifundistas	2.700.000	2.400.000
TOTAL	10.800.000	11.400.000

Vê-se, dessa forma, de maneira clara e insofismável, o resultado concreto da política da ditadura militar. Se, num extremo, se reforça e amplia o latifúndio, no outro, vemos a cada dia reduzir-se de forma acentuada a pequena propriedade: o minifúndio e os posseiros. Sobre a massa de camponeses arrendatários e parceiros recaíu, também, o golpe violento da política dos grandes proprietários e da ditadura militar. A mudança de tipo de produção, hoje voltada para os produtos de exportação, contribui para reduzir o número dos arrendatários e parceiros que têm, via de regra, a sua produção voltada para o mercado interno de consumo. Diminuiu igualmente o número de assalariados permanentes, aumentando significativamente o de assalariados temporários, que quase duplicou. A proletarização da grande massa de camponeses, devido à expulsão da terra, representa a real política da ditadura.

Essa política tem gerado grande desemprego no campo, o que traz em seu bojo maiores dificuldades e sofrimentos para essa imensa massa humana obrigada a migrar para os centros urbanos, lá se tornando verdadeiros párias, ainda mais explorados.

As precárias condições de vida das famílias dos camponeses que ainda se encontram vinculadas à terra, como as que se deslocaram para as periferias das cidades, ocasionam as péssimas condições de saúde em que vivem. O IBGE em 1970 publicava dados demonstrativos de que 72% dos brasileiros morrem antes de completar 50 anos de idade, e o Ministério da Saúde afirmava, em 1974, que apenas 8% da população rural consegue atingir mais de 55 anos de idade.

OS CAMPONESES LUTAM PELA POSSE DA TERRA CONTRA OS LATIFUNDIÁRIOS

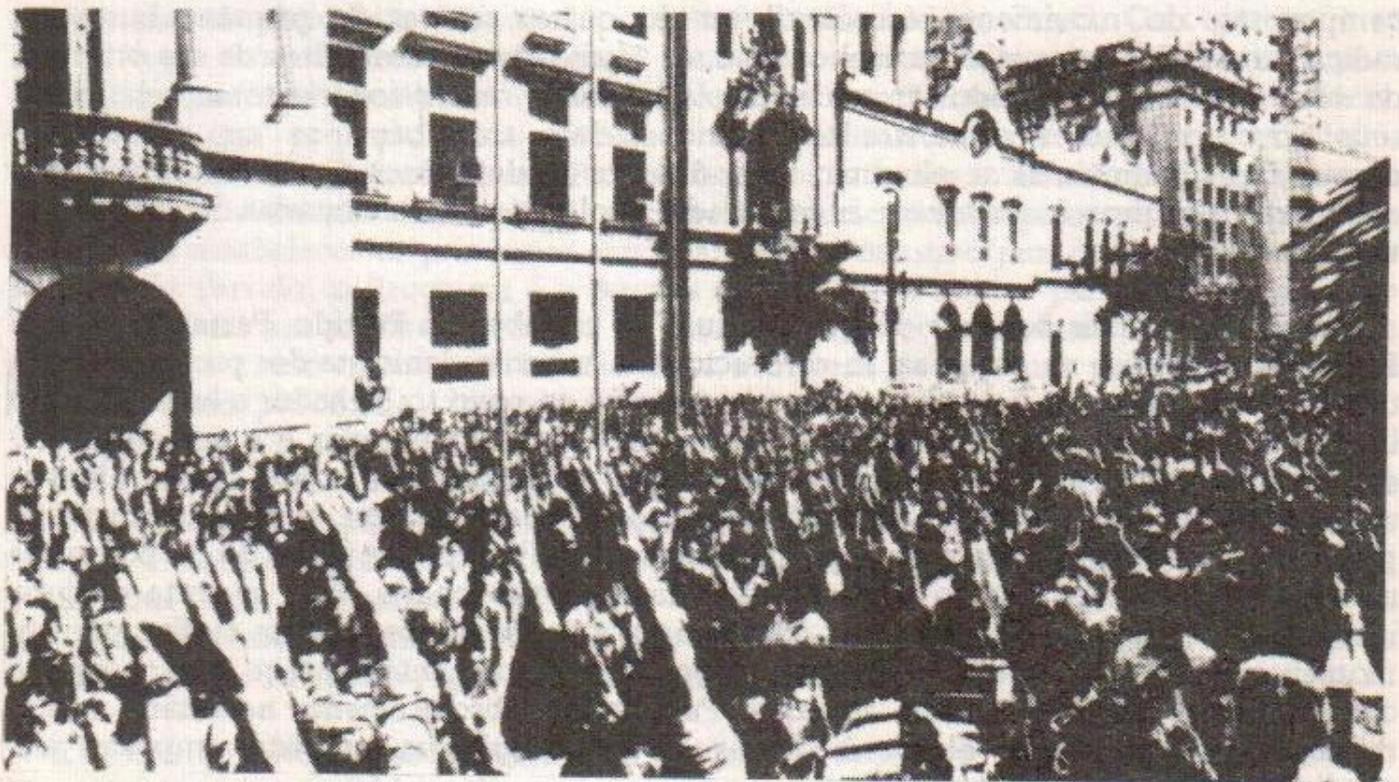
A aspiração à posse da terra e ao direito de usufruir o resultado do seu trabalho representam os anseios de mais de 9 milhões de famílias de camponeses sem terra – perfazendo cerca de 40 milhões de pessoas.

Nas últimas décadas, a resistência e a luta dos camponeses em defesa da posse da terra está num processo de ascenso. Entre abandonar os locais em que já trabalharam há alguns anos, deslocar-se mais e mais para zonas afastadas e inóspitas e aí outra vez ser ameaçados de tudo perder – ou resistir lutando contra a prepotência e o arbítrio, os camponeses preferem cada vez mais a resistência. Se, já no passado havia choques armados em defesa da terra, como em Porecatu, no Paraná, Trombas e Formoso, em Goiás, no presente, esses choques se amiudaram e estenderam-se por grande parte do território nacional, particularmente na Amazônia.

A luta armada na região do Araguaia – sul do Pará e norte de Goiás – foi um salto qualitativo, quer pela sua amplitude, quer pela sua radicalização. Enfrentando valentemente milhares de soldados das Três Armas e das Polícias Militares do Pará, Goiás, Mato Grosso e Maranhão, os lavradores e outros moradores da região indicaram o verdadeiro caminho para a defesa de suas terras e também para libertar o Brasil do jugo da ditadura militar que nos oprime há mais de 13 anos. Ultrapassando a simples resistência, a luta do Araguaia assumiu a forma de movimento guerrilheiro, etapa mais elevada da luta das massas camponesas contra o latifúndio e a ditadura militar. Tomando como exemplo a resistência do Araguaia, surgiram choques armados na PA-70. Ainda recentemente, em São Geraldo, a massa camponesa resolveu opor-se de arma nas mãos à prepotência dos latifundiários e grileiros. Em cada um desses casos, o número de camponeses armados elevou-se a mais de sessenta. Também em Mato Grosso e Goiás radicalizam-se as ações camponesas.

A luta generalizada em defesa da terra e pela reforma agrária ganhou tal impulso que se reflete abertamente nos movimentos legais, apesar das restrições da ditadura. No VII Congresso Estadual dos Trabalhadores Rurais do R.G. do Sul foi reivindicada a implantação imediata da reforma agrária naquele Estado. A CONTAG em vários pronunciamentos públicos vem reclamando a necessidade e urgência da reforma agrária como a grande medida que transformará o panorama agrário nacional. A Igreja Catolica também tem se pronunciado reiteradas vezes em defesa da reforma agrária. Um órgão da

ONU, a FAO, reclamou igualmente a reforma agrária no Brasil, preconizando o assentamento de 250 000 famílias por ano em terras que lhes seriam adjudicadas.

A tendência do movimento camponês é a sua radicalização e ampliação. Pouco a pouco, vão-se liquidando as ilusões reformistas que ainda subsistem em certos setores, embora as classes dominantes continuem fazendo esforços para colocar esse movimento sob a sua direção. Uma das grandes tarefas dos verdadeiros revolucionários proletários é participar ativamente das lutas das massas camponesas, levantando com vigor e audácia a reivindicação da reforma agrária radical, como fizeram os combatentes do Araguaia, e contribuir para incorporar o movimento camponês à luta anti-imperialista, em aliança com o proletariado. Os comunistas não podem descurar essa atividade que diz respeito a um dos aspectos fundamentais da revolução brasileira.

CONDIÇÕES PARA SER MILITANTE COMUNISTA

Vanguarda revolucionária marxista-leninista do proletariado, o Partido possui força e vitalidade, é um organismo vivo e dinâmico. Nele ingressam constantemente novos membros. São camaradas que revelam qualidades de vanguarda em batalhas da luta de classes. Buscam o Partido para nele militar e para se tornar comunistas. Mas, o que é ser membro do Partido Comunista do Brasil? Que significa ser comunista?

Quem solicita ingresso no Partido e é aceite como um de seus militantes sabe muito bem que não possui ainda todas as qualidades que caracterizam o comunista. O camarada que ingressa no Partido vem das fileiras da classe operária, das massas camponesas, do movimento estudantil ou de outros setores da pequena burguesia radical, trazendo, em maior ou menor grau, as qualidades e os defeitos de sua origem e de sua formação. O Partido em sua múltipla atividade revolucionária toma pelas mãos seus novos militantes e mostra-lhes como podem transformar-se em verdadeiros comunistas. Estimula-os a eliminar seus defeitos e deficiências, a desenvolver suas qualidades positivas e a adquirir as qualidades proletário-revolucionárias do lutador de vanguarda.

Não há nada mais honroso do que o título de membro do Partido. Pertencer às suas fileiras é integrar-se na organização revolucionária marxista-leninista dos proletários que tem a missão de servir fielmente à classe operária e ao povo trabalhador e lutar por seus interesses vitais, visando a alcançar a vitória da revolução popular e o socialismo. O comunista combate no dia a dia pelas tarefas políticas táticas de hoje e pelos objetivos revolucionários estratégicos de amanhã. Esta luta árdua e complexa, só será desenvolvida plenamente com confiança e clara perspectiva se o militante se integrar de corpo e alma na vida orgânica do Partido e na sua atividade revolucionária. Não se trata de uma integração ocasional, episódica, mas ininterrupta e consequente. Não se realiza por um momento apenas nem em certas situações, mas permanentemente e em quaisquer circunstâncias, mesmo as mais adversas. Para isto é absolutamente necessário que o militante compreenda o extraordinário valor das exigências leninistas impostas aos candidatos a membro do Partido.

Quatro são as condições leninistas fixadas nos Estatutos do Partido que devem ser satisfeitas integralmente pelo militante: aceitar o Programa e os Estatutos do Partido e contribuir para sua aplicação; militar numa das organizações partidárias e nela trabalhar ativamente; aplicar as decisões do Partido; e pagar mensalmente as contribuições financeiras estabelecidas. Não é uma simples soma de exigências estatutárias a que deve submeter-se o militante. Muito maior é a sua significação: sintetiza os princípios

ideológicos, políticos, organizativos, normativos e metodológicos do Partido proletário-revolucionário de tipo leninista, do partido da revolução social, que propugna a construção do socialismo e do comunismo. Sem estas quatro condições leninistas seria impossível garantir o desenvolvimento e a consolidação do Partido como uma autêntica organização de vanguarda do proletariado, a um só tempo monolítica e combativa por sua ideologia e política e por sua estrutura centralista-democrática. Ao exigir de seus militantes a fiel observância de todas aquelas condições, o Partido tem em vista forjar combatentes proletário-revolucionários de têmpera especial, que se dediquem inteiramente e toda a vida à grande causa revolucionária do Partido e da classe operária.

Aceitar o Programa e os Estatutos do Partido é apenas a exigência preliminar para se ingressar no Partido. É o primeiro momento. Em seguida, o Partido ajuda o militante a assimilar estes dois documentos básicos que norteiam a vida partidária; por seu lado, o militante esforça-se constantemente para dominá-los em profundidade. Um militante não pode mostrar-se ignorante do que é o Programa do Partido e de sua importância histórica. Tampouco pode mostrar-se inseguro sobre o conteúdo dos Estatutos e sobre o seu inestimável valor. Estes dois documentos básicos são os guias seguros do militante na sua atividade revolucionária.

O que o Programa do Partido apresenta, com precisão e clareza científicas, é fruto da análise marxista-leninista da situação concreta existente no Brasil. Os objetivos e as tarefas que formula são a expressão real das necessidades já amadurecidas para transformações democráticas radicais de caráter antiimperialista, antilatifundiário, antimonopolista e popular na estrutura e superestrutura da sociedade brasileira, voltadas no sentido do socialismo. Por expressar os interesses vitais do proletariado e do povo, indica a direção fundamental da luta revolucionária popular para conquistar a vitória. Ao estabelecer os princípios essenciais e fixar os princípios orientadores da linha política do Partido, o Programa é a bússola que dá rumo seguro para o trabalho e ação dos comunistas em todos os terrenos da luta pela libertação nacional e social de nosso povo, com a classe operária à frente. E dá a certeza de que um povo que luta pela liberdade e independência é invencível.

Por sua vez, os Estatutos definem o que é o Partido como vanguarda revolucionária marxista-leninista da classe operária. Fixam as exigências para o militante, seus deveres e direitos. Estabelecem os princípios de organização e a estrutura partidária. Precisam as atribuições dos organismos inferiores, intermediários e superiores. Formulam as principais normas organizativas e métodos de trabalho. Assim, constituem a lei interna fundamental do Partido e regulam toda a vida partidária.

É absolutamente necessário, portanto, assimilar o Programa e os Estatutos do Partido. Mas não basta assimilá-los. É preciso também que o militante contribua para a sua aplicação.

O Partido é, antes e acima de tudo, a organização proletário-revolucionária de vanguarda que tem por missão organizar e dirigir as massas operárias e populares em todos os campos da luta de classes. Ao consubstanciar a linha estratégica do Partido, o Programa é instrumento indispensável para libertar nosso povo do jugo do imperialismo, do latifúndio e da grande burguesia monopolista e fazê-lo avançar rumo ao socialismo,

sob a direção da classe operária. Todo militante tem o dever de lutar infatigavelmente pela vitória do Programa do Partido, dando o melhor de si mesmo na aplicação da tática que dele decorre, tática revolucionária, simultaneamente combativa, ampla e flexível, que visa a ganhar as grandes massas trabalhadoras e populares para a revolução popular.

De igual modo, os Estatutos têm sempre a mais viva atualidade. Seus princípios e normas regem permanentemente a vida de todo o Partido. Sua efetiva aplicação permite o funcionamento normal de cada organismo partidário e a atividade exemplar de todos os seus militantes.

Há uma segunda exigência ao militante do Partido: é a obrigatoriedade de pertencer a uma de suas organizações e nela trabalhar ativamente. Esta é uma exigência essencial; é, aliás, a mais importante e da qual depende a materialização das outras exigências leninistas. Ela decorre do próprio papel do Partido como vanguarda verdadeiramente organizada e consequentemente revolucionária do proletariado. Sistema único e coeso de organizações, o Partido não é um agrupamento desarticulado e amorfo, um conglomerado de indivíduos, mas um todo organicamente estruturado, com os seus membros obrigatoriamente sujeitos a vínculos orgânicos permanentes e à disciplina no cumprimento das decisões dos organismos. Justamente por isso, o Partido é uma organização proletário-revolucionária de vanguarda, monolítica e combativa. Sendo um partido homogêneo no seu sistema organizativo e soldado por uma só vontade ideológica, assegura a coesão política. Guiado por uma só linha, atua com o dinamismo da unidade de ação de todos os seus membros. É assim que tem condições e forças necessárias para dirigir praticamente as massas trabalhadoras e populares, em todos os terrenos da luta de classes. Não pode haver, portanto, um só militante do Partido que não faça parte de um organismo partidário e que a ele não esteja subordinado integralmente. Além disso, é dever do militante desenvolver no seu organismo uma atividade permanente e construtiva em quaisquer circunstâncias, sem temer as dificuldades nem os sacrifícios. Orientado pelo organismo, o trabalho ininterrupto de cada militante lhe vai dando capacidade de organização, consciência e sentimentos proletário-revolucionários, espírito de camaradagem e fidelidade sem limites à causa do socialismo, qualidades comunistas que se refletem no vigor e combatividade da organização partidária. É assim que um comunista funde suas responsabilidades e aspirações revolucionárias com as do Partido. É também como, apoiado na organização partidária, pode ser sempre um ativo combatente da vanguarda revolucionária marxista-leninista do proletariado.

De real importância é também a terceira exigência ao militante do Partido: aplicar fielmente as suas decisões. As resoluções do Partido indicam as tarefas e as diretivas a aplicar. Para organizar e dirigir as lutas emancipadoras do proletariado e do povo, o Partido necessita agir como uma só vontade, o que exige de seus militantes uma atuação que se expresse num todo combativo e harmônico. As resoluções do Partido devem ser claramente compreendidas e efetivamente levadas à prática: e isto depende do trabalho constante e abnegado de cada militante, de sua decisão revolucionária e de seu espírito realizador. No cumprimento das resoluções do Partido, o militante enriquece sua experiência, vai adquirindo firmeza e vigor revolucionários, espírito de responsabilidade e capacidade de iniciativa. Numa atividade cotidiana consequente, o militante pode observar com equilíbrio os êxitos conseguidos e as falhas verificadas, tem reais condições

de procurar e de encontrar as formas e meios de trabalhar melhor, sempre em conformidade com as necessidades e responsabilidades do Partido. Assumindo e cumprindo tarefas, o militante aprende a lutar e a vencer, a superar dificuldades e a suportar sacrifícios, a ir sempre para a frente e a se forjar como comunista de verdade. É assim que o comunista ajuda a imprimir crescente dinamismo à organização partidária e a fortalecer sua capacidade combativa.

Pagar pontualmente as contribuições estabelecidas, é outra obrigação do militante. A contribuição financeira estabelece um vínculo material entre o militante e o Partido. Além disso, é um importante fator de sua educação, dando-lhe senso de responsabilidade partidária. As finanças estáveis do Partido repousam nas contribuições de seus militantes; sem elas, toda a atividade do Partido se torna mais difícil. As mais importantes realizações da organização partidária dependem em certa medida de recursos financeiros. É inconcebível qualquer descaso do comunista por esta obrigação estatutária. Ao cumpri-la no prazo regularmente estabelecido, o militante está ajudando a organização partidária a atender melhor suas responsabilidades de vanguarda revolucionária para com o proletariado e o povo trabalhador. O militante deve compreender, portanto, a alta significação política e ideológica do pagamento mensal das contribuições ao Partido.

É uma necessidade inerente ao próprio caráter do Partido que todo militante atenda a essas quatro exigências leninistas. Não é admissível cumprir apenas uma ou outra destas exigências, mas todas obrigatoriamente. Sua interligação e interdependência não são parciais mas totais. Formam um todo organicamente indissolúvel. Constituem um sistema de princípios harmonicamente articulados, no qual se cimenta solidamente todo o edifício da organização partidária.

A estrita observância de tais condições pelo militante do Partido deve ser preocupação constante, porque possibilita melhorar e aperfeiçoar sempre suas qualidades de comunista, construir sua vida com atos dignos de um combatente de vanguarda marxista-leninista. Os esforços que faz nesse sentido ajudam a sua formação como verdadeiro comunista e a eficácia da atividade revolucionária da organização partidária.

O Partido Comunista do Brasil se destaca pela coerência que guardam seu Programa e seus Estatutos, sua estratégia e sua tática revolucionárias, sua construção partidária marxista-leninista e sua combatividade proletário-revolucionária. Ser militante do Partido Comunista do Brasil é relacionar-se com essa coerência, cumprir as exigências leninistas, assumir responsabilidades políticas e executar as tarefas do Partido. Falar em tudo isto é falar na síntese e na generalização do grande princípio de que o Partido luta sempre para conservar sua cor vermelha e de que seus militantes têm presente que ser comunista é uma opção cotidiana.

PC DO B E PCP(R) PARTIDOS IRMÃOS

É de longa data a tradição de unidade e amizade entre o Partido Comunista do Brasil e o antigo Partido Comunista Português. Constituídos quase na mesma época e sob a égide da gloriosa Internacional Comunista, nossos Partidos mantiveram sempre estreitos laços de fraternidade proletária. Houve brasileiros membros do antigo PCP e portugueses militantes do PC do Brasil. Um exemplo edificante destes vínculos fraternais foi o valoroso camarada Militão Ribeiro, dirigente do PC do B e posteriormente dirigente do antigo PCP. Outro exemplo da atualidade é o camarada José Duarte, português de nascimento, líder operário dos mais estimados pelos trabalhadores brasileiros, comunista de firmeza e dedicação exemplares.

O Partido Comunista do Brasil sempre deu particular atenção às relações de unidade e amizade entre os marxistas-leninistas brasileiros e portugueses. Já antes da unificação dos camaradas marxistas-leninistas de Portugal muitos eram os elementos que mantinham contactos fraternais com o PC do B. Estes vínculos internacionalistas estreitaram-se ainda mais no processo de realização do Congresso de constituição do Partido Comunista Português (Reconstruído) e fortaleceram-se continuamente, tornando-se indissolúveis. No II Congresso do PCP(R) a unidade e amizade entre nossos dois Partidos expressaram-se num grau muito elevado e tiveram uma significação internacionalista, comprovadas na entusiástica acolhida à saudação fraternal do Comitê Central de nosso Partido, na calorosa mensagem que nos enviou o Partido irmão e na completa identidade de pontos de vista verificados nas conversações com a nossa delegação.

O Partido Comunista do Brasil considera os dirigentes e militantes do PCP(R) íntimos camaradas, irmãos de ideais e de lutas que cultivam os sentimentos mais profundos de internacionalismo proletário, como princípios e como prática. Sabemos que os mesmos sentimentos têm os queridos camaradas do PCP(R) para com os dirigentes e militantes do PC do B.

O poderoso movimento de solidariedade que se ergueu em Portugal ao nosso Partido em consequência do assassinato de Pomar, Arroio e Drumond, do desaparecimento de Jover e Novais e da prisão de seis outros camaradas, revelou grande potencialidade antifascista existente no povo português, disposto a não voltar à noite negra do salazarismo e a ser livre. Foi expressão viva da imensa força que representa a solidariedade internacional, o apoio mútuo entre nossos dois povos e nossos dois Partidos em luta pela liberdade, pela independência, pela justiça social, pela democracia popular e pelo socialismo. Demonstrou ainda, com particular evidência, que o PCP(R) é uma força política revolucionária atuante, em crescente ascensão.

O II Congresso do PCP(R) comprovou, mais uma vez, que esse partido é um combatente proletário-revolucionário consequente pela causa da revolução e do socialismo. O II Congresso representa uma nova e grande vitória do PCP(R) e do movimento operário e revolucionário português. Legítima expressão desta vitória foi o grande comício internacionalista de Lisboa, a 17 de abril, com a participação entusiástica de mais de quinze mil pessoas e com a presença de vários Partidos marxistas-leninistas da Europa e da América, tendo à frente o heróico Partido do Trabalho da Albânia.

O Partido Comunista do Brasil tinha certeza que o II Congresso do PCP(R) seria, como foi, uma importante vitória do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário em Portugal, um êxito do movimento comunista internacional e um grande golpe desferido não só contra a burguesia monopolista portuguesa e a camarilha revisionista cunhalista, mas também contra o imperialismo, o social-imperialismo, a reação mundial e o revisionismo contemporâneo.

O Partido Comunista do Brasil tem na mais alta consideração a linha marxista-leninista do PCP(R) e sua atividade decididamente revolucionária em todos os campos da luta de classes. Exprime sua confiança de que a importante Resolução Política do II Congresso do PCP(R) será tomada por todos os dirigentes e militantes como guia seguro no seu trabalho e em sua ação e será levada com convicção e entusiasmo às massas operárias, camponesas e populares, para a conquista de novas e maiores vitórias.

O Partido Comunista do Brasil e o Partido Comunista Português (Reconstruído), são dois partidos comunistas indissoluvelmente unidos na defesa intransigente do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, na luta revolucionária consequente pela vitória da revolução popular, do socialismo e do comunismo.

MENSAGEM AO PCP(R)

Queridos Camaradas:

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil recebeu, com imensa alegria, o comunicado referente à realização de vosso II Congresso. Exprimímo-vos nossa confiança no seu pleno êxito e nossa certeza de que será um marco de real significação política e ideológica na atividade revolucionária do PCP(R). Enviamos aos queridos camaradas nossas calorosas saudações por esse importante acontecimento na vida de vosso Partido, de vosso aguerrido proletariado e de vosso grande povo. Já nos acostumamos a ter no PCP(R) nosso íntimo companheiro de armas, a lutar, ombro a ombro, sem vacilações nem temores, pela vitória dos nobres ideais do marxismo-leninismo. É antiga a nossa admiração pelas gloriosas tradições de luta do vosso proletariado e do povo português contra a reação e o fascismo, por pão, terra e liberdade, pela independência nacional e pelo socialismo.

Ao vos saudar calorosamente, é nosso desejo dizer-vos de camarada para camarada e de irmão para irmão que o Partido Comunista Português (Reconstruído) é para nós,

comunistas brasileiros, um partido digno de admiração e respeito por seus esforços para vincular as verdades universais do marxismo-leninismo às singularidades da realidade portuguesa, por suas exemplares manifestações internacionalistas e continuadas provas de abnegação a serviço do povo.

Queridos camaradas:

Somos felizes pelas vitórias que alcançastes neste fecundo primeiro ano de lutas. Tivestes êxitos importantes na vossa atividade revolucionária, na combatividade demonstrada em defesa das conquistas democráticas e em favor de novos direitos para os trabalhadores. Progredistes continuadamente no processo de tornar o PCP(R) reconhecido pelas massas operárias e populares como sua verdadeira vanguarda revolucionária e sua esperança, como seu valoroso estado-maior de combate a guiá-las no caminho da revolução. Vindes desferindo golpes mortais no grupismo caciquista pequeno-burguês e desmascarando sem cessar as posições contra-revolucionárias do revisionismo burguês cunhalista. Se destes provas seguras de combate intransigente ao revisionismo contemporâneo e a todo tipo de oportunismo, seguistes também o justo caminho de propagar as idéias libertadoras do socialismo e de levá-las à classe operária e ao povo trabalhador de Portugal.

Avançastes de forma admirável no trabalho coletivo para enriquecer criadoramente a estratégia da revolução democrático-popular em marcha ao socialismo e para definir corretamente uma tática revolucionária combativa, ampla e flexível, estratégia e tática capazes de serem tomadas pelas massas como sua própria linha de combate. Estais hoje em melhores condições de apresentar, diante de cada conjuntura política, a justa alternativa revolucionária que não deixe campo livre à burguesia reacionária e ao revisionismo cunhalista e que atraia crescentes massas operárias, camponesas e populares a ações políticas mais potentes e de maior envergadura sob as bandeiras do 25 de abril do povo. Podeis de agora em diante avançar ainda mais firmemente no processo de revolucionarização ininterrupta de vossas fileiras para edificar o PCP(R) tal como o pretendeis e se faz necessário – o partido marxista-leninista para a revolução e o socialismo.

Sois originários de um processo de agudas lutas ideológicas contra as posições revisionistas burguesas e grupistas pequeno-burguesas, sois filhos de uma crise revolucionária que comoveu toda a estrutura e a superestrutura da sociedade portuguesa e fez emergir um processo democrático-revolucionário de grande originalidade, cheio de ricos ensinamentos. Em Portugal confirma-se, ainda uma vez, a indicação de Lênin de que "em um ano de efervescência política, o proletariado aprende mais, no sentido de sua educação revolucionária, que em muitos anos de calma". A classe operária portuguesa, num curto espaço de tempo, enriqueceu seus conhecimentos, fez, em muitos aspectos, sua própria experiência, avançou e reconstruiu sua vanguarda marxista-leninista. Temos a firme convicção de que as conquistas alcançadas serão para vós fontes de inspiração e pontos de referência para a obtenção de novos e maiores êxitos.

Queridos camaradas:

O Partido Comunista do Brasil vive na mais dura clandestinidade mas luta sem descanso e com intrepidez à frente de nosso valoroso povo pela liberdade, independência nacional e justiça social. Suas bandeiras de luta e sua combatividade atraem a simpatia e confiança de vastos setores das massas operárias, camponesas e populares e ganham para a unidade de ação forças antifascistas, democráticas e patrióticas. Nunca demos nem daremos tréguas ao regime militar-fascista que, cada vez mais isolado e em desespero, oprime violentamente nosso povo, assassina e massacra seus melhores filhos. Jamais tememos nem temeremos as mais duras dificuldades nem os mais pesados sacrifícios.

Justamente no período de vosso II Congresso, nosso Partido comemora três grandes datas: seus cinquenta e cinco anos de existência, seus quinze anos de reconstrução marxista-leninista e os cinco anos do início da heróica resistência armada no Araguaia. Ao correr desses anos, muitas vezes tivemos que inclinar nossas bandeiras de combate em homenagem aos heróis e mártires de nosso Partido, lutadores intrépidos da causa de nosso povo, que é a causa da revolução e do socialismo. Nestas datas gloriosas de nosso Partido e ao reverenciar a memória dos camaradas tombados em vários campos de batalha, juramos levar adiante e até à vitória a luta revolucionária libertadora do povo brasileiro, que quer ser livre e seguramente o será.

Queridos camaradas:

Por ocasião do vosso I Congresso manifestámo-vos a esperança de que, juntos, desenvolveríamos as belas tradições de amizade entre brasileiros e portugueses ao nível superior de fraternidade revolucionária e combatente. Hoje, quando realizais o vosso II Congresso, constatamos emocionados que em Portugal se levanta um poderoso movimento de apoio às lutas do povo brasileiro – exemplo edificante de solidariedade democrática e antifascista.

Por ocasião do vosso I Congresso expressámo-vos o desejo de fortalecer dia a dia a nossa unidade marxista-leninista, a nossa cooperação revolucionária em todos os terrenos, a nossa camaradagem, solicitude e amizade de companheiros e irmãos de sangue, de ideais e de lutas. Hoje, podemos dizer que este desejo se transformou numa realidade comovente que irá se projetar no futuro e se tornar indestrutível.

Por ocasião de vosso I Congresso fizemos votos de que cuidasses da unidade de vosso Partido como da pupila de vossos olhos. Hoje, estamos felizes em saber que o PCP(R) é um partido consolidado e unido, desde as bases ao Comitê Central, dos militantes aos dirigentes, como um todo coeso e monolítico.

Queridos camaradas:

Sentímo-nos honrados com vosso convite para participar do comício que culmina a realização do II Congresso, juntamente com os partidos marxistas-leninistas da Alemanha, da Argentina, do Chile, da Grécia, da Espanha, da Itália e da Organização

Comunista de Angola, lado a lado com os camaradas do glorioso Partido do Trabalho da Albânia. Podeis estar seguros que nós, comunistas brasileiros, não faltaremos ao vosso chamado e estaremos presentes no grande ato de confraternização internacionalista proletária. Este ato é mais um exemplo de que, irmanados e sempre fiéis aos ideais do marxismo-leninismo, estamos firmemente unidos ao movimento comunista internacional, tendo como porta-estandartes o Partido Comunista da China e o Partido do Trabalho da Albânia.

Queridos camaradas:

Avançai, avançai hoje, amanhã e sempre pela estrada real que vindes seguindo a passos firmes. É o que desejamos de todo o coração. É o que esperamos de vosso amado Partido, que é para nós muito íntimo e especialmente querido. As vitórias do combativo Partido Comunista Português (Reconstruído), que vos enchem de legítimo orgulho proletário e redobrada confiança, são também vitórias do Partido Comunista do Brasil e dos Partidos marxistas-leninistas do mundo inteiro, dando a todos nós grande satisfação e certeza crescente no êxito de nossa causa comum – a revolução, o socialismo e o comunismo.

Gloriosas e invencíveis são as bandeiras do marxismo-leninismo. Ao fazê-las vossas e ao mantê-las sempre em alto, alcançareis, com certeza, a vitória final!

O COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

MENSAGEM AO PC DO BRASIL

Queridos camaradas:

Ao encerrar os seus trabalhos, o II Congresso do PCP(R) dirige, em nome de todo o Partido, uma calorosa saudação ao Partido Comunista do Brasil, a todos os seus dirigentes e militantes, desejando-lhes grandes vitórias na luta pela libertação nacional e social do povo brasileiro.

O exemplo de coerência revolucionária, de firmeza de princípios e de internacionalismo militante do vosso Partido inspirou os trabalhos do nosso Congresso. Ele anima-nos a vencer todos os obstáculos e a avançarmos na edificação de um forte partido marxista-leninista para a revolução e o socialismo.

São antigos os laços internacionalistas entre os nossos dois Partidos, simbolizados na figura inesquecível de dirigente comunista que foi Militão Ribeiro. Nos últimos tempos, a vossa ajuda fraterna nos mais variados aspectos e a transmissão de vossa rica experiência tiveram um valor inestimável para levarmos a bom termo a batalha pela reconstrução do nosso Partido lançarmos o grande movimento de revolucionarização das suas fileiras e darmos passos seguros no caminho da sua afirmação política. A mensagem que nos dirigistes por motivo do I Congresso do nosso Partido, para além de constituir um alto estímulo à nossa luta, trouxe preciosos ensinamentos nesse sentido.

Queridos camaradas:

Todo o nosso Partido sentiu profundamente o assassinato, pela ditadura militar-fascista, de três destacados dirigentes do vosso Partido, os camaradas Pedro Pomar, Ângelo Arroio e João Batista Drumond, assim como a prisão de outros militantes do Partido. Prestamos sentida homenagem ao camarada Pedro Pomar militante e dirigente do Partido Comunista do Brasil ao longo de 42 anos.

A morte heróica destes camaradas despertou no povo português uma grande onda de repúdio contra a ditadura militar-fascista que entrega o Brasil ao imperialismo norte-americano, que oprime o povo irmão e assassina os melhores dos seus filhos. Cresce entre os comunistas, na classe operária e nas massas populares de nosso país o respeito pelo Partido Comunista do Brasil. A firmeza inflexível do vosso Partido é a garantia de que a ditadura terrorista será varrida pela onda de revolta popular. O futuro pertence à classe operária e ao povo brasileiro.

Queridos camaradas:

O nosso Congresso verifica que em Portugal continuam activos os factores de crise e as perspectivas de um novo auge revolucionário. As massas operárias e populares mostram não estar dispostas a suportar os custos da recuperação capitalista, a pilhagem intensificada do imperialismo e as ameaças de um novo regime reaccionário e fascizante. Multiplicam-se as greves e acções de massas em diversas frentes. Levantam-se democratas e patriotas de diversas tendências na disposição de barrar o caminho às forças reaccionárias.

A Resolução Política do II Congresso arma o nosso Partido para ocupar as primeiras linhas na luta política de massas, e mobilizá-las para combates de envergadura sempre maior em torno das bandeiras da liberdade, do pão, da terra, da independência nacional e de um governo do 25 de Abril do povo, um governo que realize as aspirações prementes que há três anos mantêm desperto o povo português. A Resolução orienta a classe operária e as massas populares na via da revolução democrático-popular em marcha para o socialismo, como saída revolucionária que se coloca no nosso país.

A luta contra a grande burguesia reaccionária e o imperialismo norte-americano é simultaneamente uma luta contra a clique revisionista de Cunhal que prossegue na sua carreira de traições ao proletariado e ao povo português. Os cunhalistas não olham a meios para servir a burguesia e o social-imperialismo russo. Mas a táctica combativa, ampla e flexível do nosso Partido, baseada nas necessidades profundas das massas, a sua iniciativa política permanente, estreitam cada vez mais o campo às manobras quintacolunistas de Cunhal e Cia. O nosso Partido está determinado a prosseguir na ofensiva sem tréguas para desbaratar a influência traidora do revisionismo cunhalista junto da classe operária.

Queridos camaradas:

Para se pôr à altura das suas responsabilidades históricas e se edificar como um autêntico partido marxista-leninista, o nosso Partido lançou-se num grande movimento

de revolucionarização e proletarização, em desenvolvimento ininterrupto e que recebeu considerável impulso nos vivos debates deste Congresso. É decisão inabalável do Congresso dar novo vigor a este movimento, transformando o PCP(R) num forte partido proletário de acção política de massas. Estamos plenamente conscientes de que este objectivo será alcançado e o nosso Partido cumprirá as suas tarefas, estreitando cada vez mais os laços que o unem ao movimento comunista internacional, na luta pelo marxismo-leninismo, pela revolução, pela derrota do imperialismo e do social-imperialismo, na luta contra o revisionismo moderno e o oportunismo sob todas as formas.

O grande exemplo de firmeza nos princípios dado pelo vosso Partido no desmascaramento dos renegados revisionistas e no reagrupamento das forças revolucionárias marxistas-leninistas, constitui uma grande contribuição que o nosso Partido tem presente. É nossa decisão prosseguir, na linha já apontada pela Declaração Conjunta dos nossos dois Partidos em Maio de 1976, na prática consequente da solidariedade proletária combativa, da camaradagem, solicitude e amizade comunistas, da colaboração revolucionária em todos os terrenos. Trilhando esse caminho, reforçamos a nossa confiança na vitória.

Viva o glorioso Partido Comunista do Brasil!
Viva o internacionalismo proletário!
Viva o marxismo-leninismo!

Portugal, Março de 1977

O II CONGRESSO DO PCP(R)

MENSAGENS DE CONDOLÊNCIAS

Publicamos, em continuação, as mensagens de condolências enviadas pelos Partidos marxistas-leninistas ao PC do Brasil por motivo da morte dos camaradas Pedro Pomar, Angelo Arroio e João Batista Drumond, vítimas da repressão sanguinária da ditadura militar-fascista.

DO PCR DO CHILE

Ao Comitê Central do Partido Comunista do Brasil
Queridos camaradas:

Com profunda indignação e pesar tomamos conhecimento do assassinato, pelas forças repressivas da ditadura militar brasileira, dos camaradas Pedro Pomar, Ângelo Arroio e João Batista Drumond, destacados dirigentes do vosso Partido.

Os camaradas dedicaram a sua vida à luta pelos interesses da classe operária e do povo brasileiros, pela liberdade, a independência nacional, o socialismo e o comunismo. Foram grandes lutadores antifascistas, queridos pelo povo e odiados pela ditadura. As suas vidas de luta são um grande exemplo para os marxistas-leninistas, os antifascistas e os povos do Brasil, da América Latina e do mundo.

A amizade fraternal de largos anos dos nossos dois Partidos forjou-se no calor da luta comum dos nossos dois povos contra o imperialismo norte-americano e a reação que os exploram e oprimem e que lhes impuseram criminosas ditaduras militar-fascistas. Forjou-se na dura luta contra o revisionismo e o social-imperialismo, pela defesa dos imortais princípios do marxismo-leninismo, e pela unidade dos marxistas-leninistas da América Latina e de todo o mundo. Sentimos uma grande dor pela perda que sofreu o vosso Partido, o movimento marxista-leninista da América Latina e do mundo e os nossos povos.

Recebam camaradas, nesta hora de dor, a nossa mais fraternal solidariedade e apoio revolucionário.

O imperialismo norte-americano e os fascistas pretendem atemorizar e destruir a luta do povo e os revolucionários brasileiros pelo assassinato dos seus melhores filhos e

dirigentes. Que vã ilusão! O Partido irmão transformará, sem dúvida, a dor em força e o ódio em luta mais firme; pelos camaradas caídos levantar-se-ão milhares a empunhar as suas armas, como eles lhes ensinaram.

Honra aos camaradas caídos!
[illegible]a o Partido Comunista do Brasil!

Janeiro de 1977
O Comitê Central
do Partido Comunista Revolucionário do Chile

DO PC DE ESPANHA (m-l)

Queridos camaradas:

Com profunda dor fomos informados da morte dos camaradas Pedro Pomar, Ângelo Arroio e João Batista Drumond, assim como a detenção de vários camaradas de vosso Partido.

A heróica morte de Pomar, Ângelo e Drumond, membros da direção do vosso Partido, combatendo de armas na mão contra as tropas fascistas da ditadura do vosso país, é um exemplo da têmpera e valor dos marxistas-leninistas brasileiros que honra o vosso heróico Partido e o vosso Povo, assim como os autênticos comunistas do mundo inteiro. O sacrifício supremo das suas vidas, a coragem com que combateram até à morte, há de ser sem dúvida alguma um poderoso estímulo para todo o vosso Partido e o vosso Povo na justa causa da luta pela libertação e independência do Brasil.

Este doloroso acontecimento manifesta, uma vez mais, o valor e a justeza da linha do vosso Partido na sua prolongada e tenaz luta, tanto contra a reação interna e o imperialismo ianque como contra o revisionismo e oportunismo de todo o tipo nas duras e difíceis condições de clandestinidade e de terror fascista.

Muitos dos vossos militantes derramaram seu sangue generoso nessa luta sem quartel que os honra e engrandece. A firme posição de princípios do vosso Partido, fiel em todo o momento ao marxismo-leninismo, indomável perante a reação, incompatível face às pressões de todo o tipo, fez com que sempre soubesseis vencer todas as dificuldades. Estamos profundamente convencidos de que assim será também agora.

Um Partido cujos militantes não temem as dificuldades nem a morte, um Partido que soube forjar comunistas da têmpera de Pomar, Arroio, Drumond e tantos e tantos mais que verteram o seu sangue pela revolução, é um Partido indestrutível, é um Partido capaz de vencer por dura que seja a luta. O Partido Comunista do Brasil vencerá!

O nosso Partido que sabe também da dureza da luta clandestina, da dor de perder camaradas debaixo das balas do fascismo assassino, das torturas e das horrendas masmorras, não chora simplesmente seus mortos, enaltece-os, aperta seus punhos e

continua o combate. Assim sois vós, assim são os autênticos partidos marxistas-leninistas. É esta a melhor forma de honrar e vingar os nossos mortos.

Queridos camaradas neste momento queremos manifestar-vos firmemente a nossa total solidariedade e apoio com todas as nossas forças.

Sólidos laços unem os nossos Partidos desde há anos; e esses laços que se baseiam na aplicação do marxismo-leninismo, no internacionalismo proletário, na luta contra o revisionismo e o oportunismo, contra a reação e as superpotências, hão de fortalecer-se mais na luta consequente contra os nossos inimigos comuns.

Com profunda emoção e respeito, inclinamos as nossas bandeiras vermelhas perante os camaradas assassinados. Seu sangue não foi vertido em vão e centenas de novos camaradas saberão recolher o seu exemplo de combatentes comunistas.

17 de Janeiro de 1977
Raul Marco
(Em nome da Comissão Executiva do Comitê Central)

DO PC PERUANO

Queridos camaradas:

Em nome do Comitê Central do Partido Comunista Peruano enviamos as nossas mais sentidas condolências pelo assassinato dos camaradas Pedro Pomar e Ângelo Arroio, membros da Comissão Executiva do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, e de João Batista Drumond, integrante desse organismo de direção.

A morte destes queridos dirigentes de vosso glorioso Partido, nas mãos da feroz ditadura fascista do Brasil, assim como a prisão de outros camaradas ocorrida na mesma data daquele assassinato, causou-nos uma profunda dor, ao mesmo tempo que produziu em nossas fileiras, e nas de todo o povo trabalhador do Peru, uma condenação geral e um profundo ódio à ditadura que explora e oprime o irmão povo brasileiro.

Por motivo do vil assassinato dos heróicos camaradas Pedro Pomar, Ângelo Arroio e João Batista Drumond, expressámo-vos nossa mais sincera solidariedade nestes momentos de dor, com a certeza de que estes se converterão numa força mais vigorosa, que impulsionará a luta que realiza o irmão Partido Comunista do Brasil, à frente do povo brasileiro, e servirá também para estreitar ainda mais os laços de fraternidade revolucionária que nos unem na luta conjunta contra o imperialismo norte-americano, o social-imperialismo soviético e todos os reacionários, pela libertação nacional e social de nossos povos.

A perda sofrida por vosso Partido é também uma imensa perda para o movimento comunista internacional, que se vê privado de três heróicos e exemplares líderes do proletariado. Todo o nosso Partido, em todos os seus níveis e em suas bases, honra

sinceramente a gloriosa memória dos camaradas caídos, com a segurança de que seus postos de combate serão imediatamente ocupados por outros camaradas e que o exemplo de suas vidas multiplicará o número de combatentes pela liberdade e o comunismo.

Renovando nossa estreita fraternidade revolucionária, afirmamos que faremos tudo o que esteja ao nosso alcance na campanha pela libertação dos camaradas heroicamente caídos em mãos da ditadura brasileira e que, na luta conjunta contra nossos inimigos comuns, nos fortaleceremos mutuamente e estreitaremos nossa fraternidade.

Glória eterna aos camaradas Pedro Pomar, Ângelo Arroio e João Batista Drumond!
Pela liberdade dos camaradas detidos e torturados!
Viva a fraternidade revolucionária dos povos peruano e brasileiro e de seus autênticos Partidos Comunistas!
Glória ao marxismo-leninismo!

Fraternalmente
O Burô Político do Comitê Central
do Partido Comunista Peruano

DO PC DA NORUEGA (m-l)

Ao Comitê Central do Partido Comunista do Brasil

Queridos camaradas:

É com dor e indignação que recebemos a notícia do assassinato de três dirigentes do vosso Partido, os camaradas Pedro Pomar, Ângelo Arroio e João Batista Drumond.

Estes monstruosos assassinatos foram cometidos pela camarilha dominante reacionária e fascista do Brasil. São ações reacionárias que provam o quanto temem os fascistas a luta heróica do Partido Comunista do Brasil.

O vosso Partido luta decididamente contra a ditadura fascista no Brasil, contra o imperialismo, o social-imperialismo e o revisionismo contemporâneo. Os assassinatos e o terror não poderão deter esta luta.

Estamos convencidos que ireis prosseguir em vossa luta revolucionária e que, finalmente, a classe operária e o povo vencerão.

Honra aos camaradas Pedro Pomar, Ângelo Arroio e João Drumond!
Esmaguemos o fascismo no Brasil!
Viva a luta contra o imperialismo, o social-imperialismo e toda a reação!
Viva o Partido Comunista do Brasil!

O Comitê Executivo do Comitê Central do Partido Comunista
dos Operários (marxista-leninista) da Noruega